

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

SILVIA MARIA DA SILVA PIRES

O USO DO CANTO NAS AULAS DE MUSICALIZAÇÃO: PERCEPÇÕES DE TRÊS
DOCENTES ATUANTES NA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO

Uberlândia

2020

SILVIA MARIA DA SILVA PIRES

O USO DO CANTO NAS AULAS DE MUSICALIZAÇÃO: PERCEPÇÕES DE TRÊS
DOCENTES ATUANTES NA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Música da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Música, habilitação em Flauta
Transversal, sob a orientação da Professora Dra.
Vivianne Aparecida Lopes.

Uberlândia

2020

“A música pertence a todos e uma correta educação musical oferece os meios para apreciá-la e para dela usufruir” (KODÁLY, 1941)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter ajudado-me a superar todos os obstáculos. Por ter me mantido em seu caminho todo o tempo. Por ter me dado saúde e forças para não desanimar e chegar até o final deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora, Viviane Aparecida Lopes, por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa. Pela dedicação do seu escasso tempo. Dedicou inúmeras horas para sanar as minhas questões e colocar o projeto de pesquisa na direção que eu queria.

Agradeço à minha professora de Flauta Doce, Maria Tereza Borges Rezende, que me incentivou a buscar fervorosamente os meus sonhos. Por estar sempre comigo em todas os momentos e principalmente pela sua amizade verdadeira.

Ao meu esposo, Divino Severino Pires, que acima de tudo é um grande amigo, sempre presente nos momentos difíceis com uma palavra de incentivo.

Aos meus filhos Lucas Pires, Diel Rodrigo e minhas noras Thaíssia Marques, Maria Júlia, pelo o amor, carinho e respeito.

A todos os amigos do curso de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com espírito colaborativo.

A todos os que se envolveram direta e indiretamente em meu processo de formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

Esse estudo teve como objetivo geral compreender a percepção de três professoras de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro sobre o uso do canto em aulas de musicalização. Para fundamentar o estudo foi feito um enquadramento teórico dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo procurou-se discutir o conceito de Musicalização, refletindo-se também sobre o seu caráter polissêmico. Já o segundo capítulo foi destinado a um olhar teórico mais específico sobre o uso do canto nas aulas de musicalização. Em termos metodológicos, considerando o problema de pesquisa estipulado – Qual a percepção de três professoras de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro sobre o uso do canto em aulas de musicalização? – e a necessidade de aprofundamento da temática, definiu-se que a abordagem qualitativa seria a mais indicada para a busca de respostas para o problema. Assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três participantes criteriosamente selecionados – professoras de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro. Após a análise aprofundada e cuidada dos dados, os resultados obtidos apontam que o canto é utilizado nas aulas de musicalização pelas três docentes entrevistadas. As docentes pontuam que estruturam caminhos diferentes para trabalhar a musicalização com faixas etárias variadas, mas que o cantar está sempre presente, por exemplo, na aprendizagem de repertório, na realização de atividades e jogos musicais que envolvam o canto.

Palavras-chave: Musicalização; Canto; Crianças.

ABSTRACT

This study aimed to understand the perception of three music teachers working in the Triângulo Mineiro region on the use of singing in musicalization lessons. To support the study, a theoretical framework divided into two chapters was made. In the first chapter, we tried to discuss the concept of Musicalization, also reflecting on its polysemic character. The second chapter was aimed at a more specific theoretical look at the use of singing in musicalization lessons. In methodological terms, considering the stipulated research problem – What is the perception of three music teachers working in the Triângulo Mineiro region on the use of singing in musicalization lessons? - and the need to deepen the theme, it was defined that the qualitative approach would be the most suitable for the search for answers to the problem. Thus, semi-structured interviews were conducted with three carefully selected participants – music teachers working in the Triângulo Mineiro region. After an in-depth and careful analysis of the data, the results obtained show that singing is used in musicalization classes by the three interviewed teachers. Teachers point out that they structure different ways to work musicalization with different age groups, but that singing is always present, for example, in learning repertoire, in carrying out activities and musical games that involve singing.

Keywords: Musicalization; Singing; Children.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
1.1. Musicalização: O Conceito	10
1.2. O uso do canto nas aulas de musicalização	13
2. ESTUDO EMPÍRICO	18
2.1. Enquadramento Metodológico	18
2.2. Caracterização das professoras participantes do estudo	22
2.3. Percepção sobre as aulas de musicalização.....	24
Discussão dos resultados.....	31
Considerações Finais	33
REFERÊNCIAS.....	35

Introdução

O desenvolvimento da pesquisa de conclusão de curso intitulada “O uso do canto nas aulas de musicalização: percepções de três docentes atuantes na região do triângulo mineiro” surgiu da experiência da licencianda em música como professora no âmbito de projetos sociais em Uberlândia e do levantamento teórico inicialmente realizado para o desenvolvimento do projeto de pesquisa. Autores como Penna (1991) e Silva (2011) afirmam que o canto tem sido muito utilizado como ferramenta para se musicalizar. Pedagogos musicais com trabalhos expressivos na área de educação musical como Kodály, Willems e Orff também apontaram os benefícios de se iniciar o processo de musicalização através do canto (SILVA, 2011). Além disso, pensando na escassez de recursos das escolas no país, especialmente as públicas, o canto aparece como um caminho para se trabalhar a musicalização, uma vez que muitos destes espaços não possuem os meios necessários para oferecerem aulas de musicalização com outros instrumentos.

Mas em que consiste a musicalização? Sabe-se que o conceito musicalização é polissêmico, ou seja, pode ser entendido de diferentes formas. Contudo, nesta pesquisa, compreende-se a musicalização como a busca pelo desenvolvimento da percepção do indivíduo para que ele receba, aprenda e seja sensível a materiais sonoros e musicais. Trata-se de um processo adicional, tendo em vista que cada indivíduo possui uma vivência musical de acordo com a sua cultura (PENNA, 1991). Refletindo assim sobre a musicalização e sua importância para o desenvolvimento musical das crianças, bem como sobre as possibilidades de se musicalizar por meio do canto, foi feito um levantamento inicial na região do Triângulo Mineiro, por meio dos contatos públicos disponibilizados nos sites das instituições ou redes sociais, para verificar a existência de professores particulares e/ou de escolas públicas e particulares que utilizam o canto para musicalizar. Considerou-se este procedimento importante inicialmente para a análise da viabilidade do desenvolvimento da pesquisa.

Apresenta-se assim o problema que norteou o desenvolvimento do trabalho: Qual a percepção de três professoras de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro sobre o uso do canto em aulas de musicalização? Tendo esta pergunta como norte estruturou-se o seguinte objetivo geral da pesquisa: Compreender a percepção de três professoras de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro sobre o uso do canto em aulas de musicalização. Partindo deste objetivo geral elaborou-se os seguintes objetivos específicos:

- Compreender a importância atribuída pelas professoras às atividades com o canto nas aulas de musicalização;
- Apontar os pontos positivos e negativos do uso do canto nas aulas de musicalização sob a ótica das docentes;
- Identificar diferentes formas de se usar o canto em aulas de musicalização a partir da percepção das professoras entrevistadas.

Atendendo-se ainda ao rigor científico considerou-se a seguinte hipótese: O canto vem sendo utilizado nas aulas de musicalização através de brincadeiras cantadas, exercícios vocais (vocalizes), e prática de repertório variado (canções folclóricas, canções infantis, etc.).

Para fundamentar a pesquisa, foi desenvolvido o enquadramento teórico do estudo, composto por dois tópicos. No primeiro tópico discutiu-se o conceito musicalização recorrendo-se ao olhar de diferentes autores. No segundo procurou-se aprofundar as discussões sobre o uso do canto nas aulas de musicalização. A segunda parte do trabalho de conclusão de curso foi destinada ao delineamento do estudo empírico, em que se apresenta a metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho, bem como o resultado da análise dos dados que envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas com três professoras de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro. Dadas as características do problema, optou-se por adotar uma metodologia qualitativa com o intuito de permitir um olhar mais aprofundado sobre a temática e promover a abertura de espaço para o olhar do participante a partir de sua experiência e realidade, de forma mais aberta. O trabalho englobou ainda a discussão dos resultados, em que se comparou as percepções das docentes entrevistadas com o referencial teórico consultado. Nas considerações finais foi feita uma reflexão de todo o processo sobre as possibilidades do uso do canto em aulas de musicalização.

Considerados esses aspectos, a seguir apresenta-se a fundamentação teórica do estudo.

1. Fundamentação Teórica

1.1.Musicalização: entendendo o conceito

Estudos como os de Proença e Torquato (2013) demonstram que a música está presente na vida do ser humano desde muito cedo; ainda dentro da barriga da mãe. Os autores apontam que há uma relação de som e silêncio na conexão estabelecida entre a batida do coração da mãe e o bebê. Embora não possa ser definido como música, estudos confirmam que o som cardíaco da mãe fará parte da construção musical a ser efetivada no decorrer da vida da criança (PROENÇA; TORQUATO, 2013). Nestes termos Cunha (2011) acrescenta:

A criança começa a perceber a música a partir de seu ambiente e da relação que mantém com as pessoas que convive. Inicialmente, é na barriga da mãe, ouvindo as batidas do seu coração, que a criança percebe a música. Afinal, o que move o bebê e a mãe é a necessidade de comunicação. No caso, a música aparece como o elo dessa comunicação, seja ao ouvir sua fala ou pessoas que conversam com ele. Os investigadores comprovam que os bebês se movem em movimentos precisos e sincrônicos com a linguagem articulada do adulto, e logo nos primeiros dias, conseguem distinguir a voz feminina da masculina, um som verbal de um ruído. Logo, a linguagem musical, acompanhada da gestual, é a pioneira na formação do vínculo afetivo entre mãe e o filho, fator determinante no processo de musicalização da criança. (CUNHA, 2011 p.64).

Brito (2003) também complementa estas ideias apontando que a relação das crianças com o meio sonoro, inicia antes do nascimento, quando o bebê já convive com os sons originados do corpo da mãe, como por exemplo, o mexer dos órgãos, a respiração, o sangue que corre nas veias. A autora destaca ainda que, após o nascimento, o bebê se vê diante de uma nova experiência musical, quando a mãe canta melodias a fim de acalmá-lo ou adormecê-lo, o que em sua perspectiva, contribuirá de alguma forma para estimular a aprendizagem musical.

É, portanto, na interação com o ambiente e seus sons e desde os primeiros momentos de vida, que a criança começa a desenvolver espontaneamente o processo de musicalização, sendo necessário, contudo, um processo adicional para despertar o indivíduo de modo que ele seja sensível aos sons (PROENÇA; TORQUATO, 2013). A música desperta sentimentos e reações, e assim, o musicalizar, também está relacionado ao fato de tornar o indivíduo sensível à música para que internamente haja uma reação e no exterior um movimento (PENNA, 1991). Neste sentido, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil-RCNEI (1998) elucida que a linguagem musical, da qual a musicalização participa, é um excelente meio para

o desenvolvimento da expressão, equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social. (BRASIL, 1998, p. 47).

As crianças vivenciam diferentes tipos de experiências musicais e sonoras que podem ser desenvolvidas através da musicalização infantil. Considera-se assim que a musicalização é, também, um processo, ou seja, o desenvolvimento gradual da construção do conhecimento musical. Na perspectiva de Brito (2003) um dos seus objetivos é despertar, praticar os gostos musicais, incentivando e ao mesmo tempo, contribuindo para a formação global do indivíduo. A autora enfatiza ainda que a expressão ou termo “musicalização infantil” ganha uma conotação própria que representa o que chama de processo de educação musical. Esse processo de educação musical deve ser desenvolvido de forma lúdica, através de atividades lúdicas, em que aspectos como ritmo, melodia, compasso, métrica, som, tonalidade, leitura e escrita musicais são conduzidas às crianças por meio de canções, jogos, danças, movimento, relaxamento, práticas de pequenos conjuntos instrumentais, entre outros exercícios e atividades diversas que possam despertar as crianças de uma forma efetiva para o fazer musical. (BRITO, 2003).

Faz-se válido mencionar assim que a musicalização pode ser dirigida a todos os que querem compreender os esquemas de entendimento da linguagem musical; alunos que por falta de oportunidade não a desenvolveram durante sua vivência (PENNA, 1991) ou que, conforme o direcionamento dos pais, queiram, desde cedo, iniciar este processo. Silva (2011), fundamentada nas ideias de Kodály, também reforça a importância das crianças, jovens e adultos serem musicalizados para tornarem-se ouvintes e/ou executantes mais críticos e conscientes (SILVA, 2011).

Considerando todas essas possibilidades, enfatiza-se também a necessidade de a musicalização explorar o universo sonoro para que a criança ouça com atenção e compare os sons, a fim de identificar diferentes tipos sonoros, desenvolvendo ainda com isso sua atenção, capacidade de análise, concentração, etc. (BARRETO, 2000). Oliveira, Fugimoto e Fernandes (2016) complementam essas ideias e afirmam que a musicalização é uma ferramenta para ajudar os alunos a desenvolverem o universo que conjuga expressão de sentimentos, suas ideias, valores culturais e auxilia a comunicação do indivíduo com o mundo exterior e seu universo interior. Voltando à ótica de Penna (1991), a musicalização pode ser entendida como a busca pelo desenvolvimento da percepção do indivíduo para que ele receba, aprenda e seja sensível a materiais sonoros e musicais. Trata-se de um processo adicional, tendo em vista que cada indivíduo possui uma vivência musical de acordo com a sua cultura. Para a autora, musicalizar

é alargar a percepção indispensável para que a pessoa possa sentir emoção com a música, conhecer os sons com significados de acordo com a cultura de cada um.

Musicalizar é desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo – pois nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado no quadro das experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção desenvolvidos. (PENNA, 1991, p. 22).

A experiência do aluno torna-se fundamental neste contexto. Musicalizar torna-se a chave de conexão do fazer musical com a realidade do aluno, permitindo a ampliação do saber e da compreensão do outro, da sua sensibilidade. A esse respeito Brécia (2003) afirma que a musicalização é uma construção de conhecimento, ou seja, é um processo construído dia a dia. O autor afirma ainda que o seu objetivo principal é desenvolver e despertar o gosto musical, aprimorando o desenvolvimento da criatividade, senso rítmico, sensibilidade, do prazer de ouvir música, da concentração, da imaginação, memória, atenção, do respeito ao próximo, e também da socialização, contribuindo para uma verdadeira consciência corporal e de movimentação (BRÉSCIA, 2003).

Segundo Alencar (2014), a importância da musicalização reside no fato de ser um processo que precede o aprendizado de um instrumento específico. Um trabalho anterior de experiências e sensibilização musical que favorece a alfabetização musical da criança e permite que ela seja posteriormente incluída nas aulas de leitura musical e de instrumento de uma forma mais efetiva. A musicalização, nesse contexto, é a oportunidade que o estudante possui de conhecer atividades musicais mais práticas, como entender o ritmo, por exemplo, por meio da contagem de palmas, estalar dos dedos, batida dos pés no chão (ALENCAR, 2014). A musicalização tem, portanto, o papel de auxiliar o despertar da musicalidade nos alunos. Há crianças que têm mais facilidade para a aprendizagem musical; outras crianças não têm. Nesse contexto, as atividades musicalizadoras podem favorecer a integração dos alunos nesta relação constante com o outro.

Considerando esses aspectos, autores como Brito (2003) sugerem trabalhos diversos que podem ser realizados em aulas de musicalização pelos professores: interpretação e criação de canções, movimento e dança, construção de instrumentos e objetos sonoros, brinquedos cantados e rítmicos, escuta sonora e musical, reflexões sobre a produção e a escuta, trabalho vocal, dentre outras alternativas capazes de despertar o gosto e o interesse pela música. (BRITO, 2003). Os jogos musicais são considerados por Ament, Joly e Severino (2011) como fonte de

prazer e descoberta principalmente para crianças. Os autores ressaltam, no entanto, que ao se utilizar jogos e brincadeiras musicais nas aulas de musicalização deve-se ter cuidado para que o foco do trabalho não seja direcionado à competitividade. O ambiente propiciado deve ser saudável de modo que os alunos possam explorar novas possibilidades e enfrentar dificuldades sem se sentirem inferiorizados. (AMENT; JOLY; SEVERINO, 2011).

Ainda refletindo sobre esses aspectos, Barreto (2000) pontua ser essencial que as aulas de musicalização explorem de modo especial o universo sonoro, a fim de levar o aluno a ouvir com atenção, analisando e comparando os sons para identificar diferentes tipos sonoros, desenvolvendo ainda com isso a capacidade auditiva, a concentração e a atenção. Barreto (2000) concorda com a visão de Jeandot (1997) no sentido de que o real objetivo das aulas de musicalização não é a transmissão de técnicas, mas o desenvolvimento do gosto pela música, habilidade de captar a linguagem musical e de se expressar por meio dela.

Com base nas discussões apresentadas percebe-se, portanto, que a polissemia do conceito musicalização, discutida neste tópico, reforça também a faceta multivariada do trabalho que pode ser desenvolvido em aulas deste formato. Considerando essas variadas possibilidades, no tópico que segue aborda-se, com base no referencial teórico consultado, um olhar sobre o uso do canto nas aulas de musicalização.

1.2.O uso do canto nas aulas de musicalização

Assumindo a ótica de que a musicalização, por todos os benefícios que traz à formação dos alunos, não deve ser esquecida, pontua-se neste tópico que, com base nas propostas desenvolvidas por diferentes autores, o canto é considerado um dos meios mais indicados para se musicalizar. Para Kodály, por exemplo, o canto seria a base inicial da formação musical, pois por meio da voz a criança poderia desenvolver suas habilidades musicais (SILVA, 2011). No Brasil, à semelhança de Kodály, Villa-Lobos defendia que a voz cantada seria o melhor instrumento de ensino da música, em função da acessibilidade a todos (VILLA-LOBOS, 1946 apud GOLDEMBERG, 1995). Villa-Lobos pontuou que o canto deveria ser inserido nas escolas regulares e o ensino de música partir da prática vocal, neste caso, a prática coral (BRAGA, 2016), com “o interesse focado nas canções infantis, no folclore, em hinos e canções de cunho patriótico, além da música erudita.” (NORONHA, 2011, p.89). Apesar de não ser o foco deste tópico, considera-se importante destacar que o trabalho de Villa-Lobos com o Canto Orfeônico foi muito importante no sentido de ajudar a pensar esse processo de se musicalizar a partir do canto.

Outro pedagogo musical que defendeu o uso do canto nas aulas de musicalização foi Edgar Willems (1890-1978). Segundo o autor:

O canto desempenha o papel mais importante na educação musical dos principiantes. As canções constituem o que denominou de uma *atividade sintética*: agregando em torno da melodia, o ritmo e a harmonia subentendida; são, portanto, meios sensíveis e eficazes para desenvolver a musicalidade e a audição interior. Willems salienta, ainda, o fato de muitas crianças cantarem antes mesmo de falar, o que é uma indicação preciosa para orientar as escolhas de pais e professores nas interações musicais com os pequenos. (PAREJO, 2011, p. 103).

Para Willems, portanto, o canto é o melhor veículo para a vivência musical, pois reúne de forma sintética melodia, ritmo e harmonia, ao favorecer a audição interior, além de desempenhar o papel mais importante na educação musical de principiantes (PAREJO, 2011). Na ótica de diferentes educadores e pedagogos musicais as crianças começam a cantar muito cedo e o trabalho vocal aliado à compreensão da melodia, do ritmo e da harmonia das canções pode se tornar um recurso capaz de auxiliar o desenvolvimento da audição interior e consequentemente da musicalidade, sendo uma indicação para orientar as escolhas de pais, bem como educadores nas interações musicais. Ainda refletindo sobre estes aspectos e sobre a importância do canto no processo de musicalizar, Martenot (1976 p. 162) afirma que “o canto precisa estar presente nas atividades lúdicas das crianças, sem que haja cobranças.” Este é um ponto fundamental; o cantar de forma fluida e dinâmica. Rodrigues e Rodrigues (2010) complementam essas ideias e reforçam ainda que:

Cantar é um dos comportamentos musicais mais observados em crianças de diferentes faixas etárias. E também uma atividade com grande relevância, quer na comunicação intuitiva entre o adulto e a criança quer na prática educativa em contextos formais. Pelas suas características estruturais e expressivas a canção oferece inúmeras possibilidades para o estudo da interligação entre os procedimentos musical e linguístico (RODRIGUES; RODRIGUES, 2010, p. 11).

Percebe-se assim que o canto pode ser um importante recurso em aulas de música, especialmente pensando-se no contexto da musicalização. Musicalizar, ou seja, “tornar um indivíduo sensível e receptivo ao fenômeno sonoro, promovendo nele, ao mesmo tempo, respostas de índole musical.” (GAINZA, 1988, p.101). O canto, na perspectiva de autores como

Giga (2004), favorece essas respostas de índole musical, e é uma prática que pode e deve ser desenvolvida nas crianças. Para Sobreira (2017), por exemplo, o canto favorece o desenvolvimento de aspectos motores, cognitivos, emocionais e sociais. Também na ótica de Vechi (2015), na educação musical o canto está em evidência. O canto pode ser realizado durante toda a vida do ser humano e as crianças são incentivadas a praticá-lo desde muito cedo também nas escolas, desde os jardins de infância (VECHI, 2015). Portanto, acredita-se que, utilizado da forma correta, o canto pode favorecer a aprendizagem das crianças nas aulas de musicalização. Destaca-se, no entanto, que é de suma importância para a atuação do educador musical que ele saiba quais cuidados deve ter com a voz infantil e o emprego da voz falada e cantada para este público. (VECHI, 2015). Segundo Fonterrada (2005, p. 188) “a voz infantil se desenvolve pela prática e a repetição é um fator fundamental. Daí a importância de que lhe seja oferecido um modelo vocal de qualidade, pois é a partir dele que sua voz se desenvolverá”. O professor torna-se, portanto, a principal referência, devido aos seus conhecimentos pedagógicos musicais.

Um outro aspecto importante a se destacar é o fato de o canto ser considerado uma prática que permite aliar aprendizado técnico e interpretativo, contribuindo também para se trabalhar a expressividade dos alunos (TEIXEIRA, 2009). A voz, considerada por autores referência na área como primeiro veículo de comunicação da criança com o mundo, é vista também como primeiro “instrumento musical”, conforme afirma Teixeira (2009) e Oliveira (2016), perspectiva semelhante à apontada pioneiramente por Kodály (1882–1967). Na perspectiva do pedagogo, o canto deve ser o principal instrumento para se musicalizar e antes de se ensinar um outro instrumento musical a um indivíduo, é necessário que ele aprenda a cantar (SILVA, 2011). Ao analisar-se também os poucos recursos das escolas, percebe-se que esse é um outro aspecto que faz com que o canto se torne uma ferramenta muito utilizada em aulas de musicalização (ILARI; MATEIRO, 2011).

Percebe-se assim, a importância de se estimular as práticas musicais cantadas no fazer musical com diferentes faixas etárias (VECHI, 2015). Em escolas regulares, por exemplo, as práticas cantadas já assumem um lugar significativo nas aulas de música, sendo muito comum especialmente em aulas de musicalização (SCHMELING; TEIXEIRA, 2010). Schmeling e Teixeira (2010) destacam ainda que os alunos trazem várias experiências músico-vocais para as aulas e que o fato de cada um ter sua maneira e forma de reproduzir a voz e também de trabalhar o seu corpo, demanda uma atenção maior nas aulas de musicalização.

Teixeira (2009, p. 28) também chama a atenção para esses aspectos e afirma que o canto “deveria receber maior atenção no processo de aprendizagem musical”. A esse respeito Giga (2004, p. 78) aponta ainda que:

Na Creche, no Jardim de Infância e na Escola, o trabalho vocal, pedagogicamente correto, deve ser um imperativo para que todas as crianças possam desenvolver, harmoniosamente, a sua aptidão musical. A educação musical da criança ficará sempre incompleta se não tiver como primeira prioridade a educação da voz. (GIGA, 2004, p. 78).

Esse trabalho pedagogicamente correto por meio do canto e do trabalho vocal é defendido por diferentes autores, conforme se reforçou. Souza (2011, p. 234), por exemplo, destaca ainda a importância do canto e da voz e corrobora com as ideias dos demais autores ao afirmar que a voz é um instrumento elementar e importante, que permite uma “gama de possibilidades de exploração”, o que também é defendido por Oliveira (2016). Deste modo, os autores pontuam que a criança deve ser motivada a cantar em aulas de musicalização. Numa tendência de pensamento semelhante, pesquisadoras brasileiras da área da Educação Musical como Mateiro e Egg (2013) também destacam a relevância do canto no processo de musicalizar. As autoras referem ainda que a criança é muito espontânea, imita o que ouve, e por isto, é muito importante cantar, sendo relevante que o educador musical conheça os princípios de formação da voz infantil, o que também é defendido por Pereira, (2009) e Coelho (2012).

Na perspectiva de Pereira, (2009) e Coelho (2012), o canto muitas vezes é utilizado de forma mecânica, com as crianças sendo incentivadas a gritar e a cantar sem preparo vocal, em esforço, sem entender o que estão fazendo. Especialmente no âmbito escolar estas situações são muito comuns. Identifica-se assim que a utilização do canto para se musicalizar pode ser muito importante também para promover a educação vocal de crianças que não têm noção dos cuidados que devem ter com a voz. Para além destes aspectos, destaca-se o favorecimento do próprio desenvolvimento musical dos alunos, conforme se reforçou anteriormente, uma vez que por meio do canto pode trabalhar-se aspectos como percepção quanto a diferentes alturas, intervalos, entonação, afinação, entre outros. (DIAS, 2013 apud VECHI, 2015, p. 8).

Percebe-se, portanto, que o canto agrega diferentes caminhos para exploração e compreensão da música e do fazer musical. Complementando esses aspectos autores como Silva (1993) afirmam que o uso do canto nas aulas de musicalização permite ainda que o “ensino musical aconteça em grupo e possibilita a inclusão de participantes, independentemente de seu poder aquisitivo, pois não há necessidade de adquirir um instrumento” (SILVA, 1993,

p. 12). Além do fato de permitir a inclusão de mais participantes, o que já foi pontuado, atividades cantadas voltadas também para improvisos vocais e exploração vocal, por exemplo, mais do que cantar repertório, auxiliam o desenvolvimento criativo dos alunos e são muito significativas. (OLIVEIRA; FUGIMOTO; FERNANDES, 2016). Numa tendência de pensamento semelhante Braga (2016) afirma que a experimentação e aplicação de conteúdo e conceitos musicais através do canto deve ser sempre presente, pois é um caminho versátil para a realização de diversas experiências musicais.

Pensando-se novamente no espaço escolar, em que as crianças passam boa parte de seu dia, autores como Barreto (1938) descrevem a importância do canto (apud TEIXERIA, 2009, p.30). Reforça-se uma vez mais neste sentido, que o canto pode ser utilizado a favor da aprendizagem musical das crianças e ser um recurso fundamental em aulas de musicalização (OLIVEIRA, 2016, p. 4). É necessário lembrar ainda que as crianças usam sons vocais de forma espontânea; elas criam músicas e cantam. Por isso, pode-se trabalhar o canto nesta perspectiva, integrando esses sons e criações espontâneas em atividades musicalizadoras, com jogos musicais. (MATEIRO, EGG, 2013). Mateiro e Egg (2013, p. 207), a esse respeito, dispõem ainda que “o canto faz parte da musicalização de crianças em todas as partes do mundo e o período escolar é exatamente a idade em que elas devem ser estimuladas a desenvolvê-lo”. O canto pode ser usado de forma recorrente nas salas de aula. Pode-se cantar canções em que as crianças falem seus nomes e também os nomes de seus colegas, proporcionando ainda um convívio agradável entre os alunos, promovendo socialização e apoio em todo processo de aprendizagem. Destaca-se ainda o favorecimento da ludicidade, da memória e da criatividade no fazer musical (GODOI, 2011).

Autores como Ilari (2003) também evidenciam que a prática de cantar e a facilidade orientada em sala de aula aguçam a memória e trazem uma ordenação sequencial aos sistemas que são essenciais para o crescimento cognitivo infantil, o que acentua a necessidade de sua estimulação e desenvolvimento. Teixeira (2009, p.7), neste contexto, reforça que o canto, com suas características peculiares e timbrísticas, é um importante instrumento para a aprendizagem musical. A autora considera ainda que “o canto é uma ferramenta transformadora”, pois além de ser uma possibilidade para a prática musical especialmente escolar, viabiliza a participação concomitante de todos os alunos, o que também é defendido por Braga (2016).

Refletindo sobre esses aspectos, Figueiredo (2005) propõe a exploração dos parâmetros sonoros, apontando também para as possibilidades de se desenvolver a leitura musical, técnica vocal e ampliar o repertório musical dos estudantes. Também para Schmeling

e Teixeira, (2010), a investigação e a execução de vários timbres, alturas, durações, a exploração da dicção, dos registros e das colocações vocais na voz falada, por meio de atividades lúdicas e outras brincadeiras, são formas que facilitam o processo de se musicalizar.

Compreendendo, sob o viés teórico, estas diferentes percepções, no tópico que segue apresentam-se os resultados do estudo empírico, que procurou analisar de forma mais prática o trabalho desenvolvido por três professoras de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro e que utilizam o canto em suas aulas.

2. Estudo Empírico

2.1. Enquadramento Metodológico

Este estudo, direcionado para a compreensão do uso do canto nas aulas de musicalização, foi desenvolvido recorrendo-se à abordagem qualitativa. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa:

Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Entende-se assim que a pesquisa qualitativa, no âmbito deste estudo, permitiu explorar e entender o significado que as professoras atribuem em relação ao uso do canto em suas aulas de musicalização. Esta abordagem, dadas as características da pesquisa, foi a que mais atendeu o trabalho na busca por respostas para o problema de pesquisa, que procurou entender de que forma o canto vem sendo utilizado nas aulas de musicalização por professores particulares na região do Triângulo Mineiro. Com base nos estudos de Denzin e Lincoln (2006), Chueke e Lima (2012), afirmam que o investigador qualitativo é um intérprete de situações e que é através do processo de descrição da realidade que se obtém os resultados. A este respeito Bresler (2007) também pontua que a abordagem qualitativa oferece diferentes recursos para o desenvolvimento de pesquisas. O autor destaca ainda a utilização de observações e a realização de entrevistas semiestruturadas como algumas das ferramentas principais, que permitem ao pesquisador obter uma visão mais significativa dos contextos.

Percebe-se desta forma que dentro da vertente qualitativa há vários caminhos que o pesquisador pode seguir. Neste estudo recorreu-se à realização de entrevistas semiestruturadas com professores de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro. A partir da identificação de possíveis participantes foi elaborado o termo de consentimento livre e esclarecido, conforme orientações do Comitê de Ética em Pesquisa e da resolução 510/2016. Em função da pandemia causada pela Covid-19, as entrevistas foram realizadas estritamente online, através do programa de videoconferência *Zoom*. O recrutamento dos participantes foi feito por meio de redes sociais como *Instagram* e *Facebook*. Através desses recursos tecnológicos foi possível fazer um levantamento inicial e identificar professores de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro que utilizam o canto em suas aulas. Destaca-se assim, que a partir da aprovação da pesquisa pelo CEP-UFU, os potenciais participantes foram convidados a colaborar com a pesquisa, conforme os critérios de inclusão estipulados:

- Professores de música de faixa etária diversa que trabalhem com musicalização infantil;
- Professores que nas aulas de musicalização utilizem o canto como estratégias para ensinar;
- Professores que aceitem contribuir para o desenvolvimento do estudo.

Em anuência aos critérios de inclusão estipulados foram elaborados também critérios de exclusão, conforme as orientações da resolução 510/2016. Neste sentido, foram excluídos do estudo:

- Professores de música que não trabalhassem com musicalização infantil;
- Professores que dessem aulas de musicalização, mas não utilizassem o canto como ferramenta para se musicalizar;
- Professores que não aceitassem participar do estudo.

Considerando os critérios estipulados foram incluídas no estudo três professoras de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro e que utilizam o canto em suas aulas. As professoras foram contatadas através das redes sociais, conforme se reforçou anteriormente, e o convite às docentes para participação no estudo também foi feito desta forma. A pesquisadora ajustou dia e horário para a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido

(TCLE) e obtenção do consentimento ou não das participantes para a realização das entrevistas. Reforça-se assim, que o termo de consentimento foi aplicado às três docentes integrantes do estudo apenas após a aprovação do projeto pelo CEP-UFU, que aconteceu em julho de 2020. O TCLE foi lido oralmente para as participantes através do *Zoom*, em data e horário ajustados com as professoras, dentro das suas disponibilidades. Enfatiza-se ainda que as participantes tiveram um tempo para decidir se queriam participar da pesquisa, conforme o Cap. III da Resolução 510/2016. Após as autorizações serem efetivadas, as três entrevistas aconteceram no dia 22 de agosto de 2020.

Os pontos principais analisados no discurso foram o modo como as professoras utilizam o canto nas aulas, suas estratégias, repertório trabalhado e outros materiais relacionados ao uso do canto nas aulas de musicalização. As entrevistas tiveram duração variada de trinta minutos a uma hora e foram gravadas estritamente para fins de investigação, com o intuito de permitir uma análise mais assertiva sobre o uso do canto nas aulas. Os áudios foram transcritos e a análise dos dados realizada com base neste material, que será guardado pelo período de cinco anos e posteriormente deletado, conforme Capítulo VI, Art.28; IV, da Resolução 510/16.

Por se tratar de uma pesquisa que demandou apenas a realização de entrevistas com professoras, um dos riscos que se percebia era o de identificação das participantes. Destaca-se assim que o anonimato das professoras foi garantido através da adoção de medidas como a utilização de códigos ou nomes fictícios. As docentes foram identificadas com letras do alfabeto (Professora A, Professora B, Professora C), conforme a ordem de realização das entrevistas. Havia também o risco de que as professoras entrevistadas pudessem se sentir constrangidas. Para evitar este tipo de situação, a investigadora procurou deixar claro para as docentes que a sua finalidade não era julgar as suas práticas, mas aprender com elas enquanto profissional e contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas na área. Não houve evento adverso durante a realização das entrevistas ou da pesquisa como um todo.

Quanto aos benefícios, acredita-se que a realização deste estudo tenha contribuído para as reflexões das docentes no sentido de pensar diferentes formas de se usar o canto em aulas de musicalização. Outro benefício foi a contribuição para a formação e atuação profissional da pesquisadora, bem como a possibilidade de ajudar outros profissionais da área da educação musical e demais interessados no tema, como os alunos do curso de Licenciatura em Música do IARTE-UFU, por exemplo. Espera-se ainda que este estudo seja um veículo para reflexão sobre outras formas de usar o canto em aulas de musicalização e a compreensão sobre como

pode ser a construção das aulas de musicalização a partir do canto. Acredita-se ainda que este seja um caminho para estimular outros alunos do Curso de Licenciatura em Música a desenvolverem propostas de investigação dentro das temáticas da Educação Musical. Anseia-se assim, como desfecho primário da pesquisa, compreender as percepções das docentes entrevistadas em relação ao uso do canto nas aulas de musicalização e também, como desfecho secundário, alimentar reflexões no sentido de se pensar diferentes formas de se utilizar o canto em aulas de musicalização.

Em relação ao processo de análise dos dados, destaca-se que os dados coletados e gravados nas entrevistas foram transcritos, revistos, e submetidos a uma primeira leitura flutuante, fundamentada na proposta de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2009). Pela impossibilidade de acesso ao software de análise Nvivo 9, a análise dos dados foi realizada por meio da elaboração de um quadro de análise, que permitiu a construção das categorias e subcategorias de análise. Considerados esses aspectos em linhas mais gerais do enquadramento metodológico, a seguir apresentam-se as categorias e subcategorias de análise, desenvolvidas em anuência com os objetivos de pesquisa, o roteiro das entrevistas, e a leitura flutuante dos dados.

Caracterização das docentes

- ✓ Formação acadêmica
- ✓ Experiência na docência com aulas de musicalização
- ✓ Motivação para trabalhar com aulas de musicalização

Percepção sobre as aulas de musicalização

- ✓ Faixa etária com a qual trabalha
- ✓ Estrutura das aulas
- ✓ Utilização do canto nas aulas
 - Atividades (vocalizes, jogos, criação)
 - Repertório
- ✓ Pontos positivos da utilização do canto
- ✓ Pontos negativos da utilização do canto
- ✓ Diferenças em relação ao uso do canto com diferentes faixas etárias
- ✓ Importância do canto na aprendizagem das crianças nas aulas de musicalização.

Estruturou-se, portanto, dois blocos principais de análise. O primeiro, voltado para a caracterização das professoras entrevistadas. E o segundo, voltado para o entendimento das docentes sobre o tema. A seguir, apresenta-se esses dois blocos - a dimensão descritiva de análise, com uma breve caracterização das professoras entrevistadas, e as percepções das docentes sobre o tema pesquisado.

2.2.Caracterização das professoras participantes do estudo

Em relação à dimensão descritiva reforça-se que para o desenvolvimento do estudo foram entrevistadas três professoras de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro. Estas docentes divulgam os seus trabalhos também por meio de redes sociais como Instagram e Facebook. As docentes trabalham com aulas de musicalização para crianças, considerando criança, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (2017), Art. 2º da Lei nº 8.069/1990, “a pessoa até doze anos de idade incompletos” (BRASIL, 2017, p.10).

Quanto à primeira subcategoria de análise, dentro deste bloco de **caracterização das professoras entrevistadas**, destaca-se a formação das professoras de musicalização. Por meio da análise do discurso foi possível identificar que as três docentes possuem formação em música. A Professora A, por exemplo, é licenciada em música por uma universidade privada situada no estado de São Paulo. A Professora B possui Formação Técnica de Conservatório, e estudou Piano, Violão e Flauta Transversal. Também tem graduação em pedagogia e pós-graduação em Educação. Já a Professora C tem licenciatura em Educação Artística, habilitação em música, instrumento Piano, por uma universidade federal do estado de Minas Gerais.

É importante destacar que a Professora A fez a graduação em música apenas aos 53 anos, quando já atuava há mais de vinte anos como professora na área. A esse respeito a docente complementa:

Eu tive as minhas crianças, minhas duas crianças, e elas cresceram e foram para o conservatório. Elas começaram a trabalhar música, e fazer atividades, eu senti a necessidade também de estudar para poder auxiliá-las e para poder me auxiliar. [...] até então eu tinha, eu tenho ainda, nós temos um grupo de mulheres, de canto para mulheres, um coral, lá na casa espírita, e aí a gente trabalha com esse grupo, mas eu não tinha formação. Então eu falei eu tenho que estudar. (PROFESSORA A, 2020).

Percebe-se assim que o processo de formação da docente acontece a partir do acompanhamento do estudo musical das filhas.

Em relação à segunda subcategoria de análise, experiência na docência com aulas de musicalização, é possível perceber que as três professoras lecionam há mais de dez anos. A

Professora B, por exemplo, afirma que tem 25 anos na função; dá aulas em conservatório e também trabalha em âmbito particular; em uma escola da rede particular de ensino. (PROFESSORA B, 2020). Destaca-se também neste sentido que as três professoras têm experiência de atuação tanto em contexto de conservatórios públicos (Professoras A, B e C) como em contexto de escola particular (Professoras B e C) e espaço próprio para aulas de musicalização (Professora A). Ressalta-se ainda que apenas a Professora C atua há menos de 20 anos.

Quando questionadas sobre o que as levou a lecionar musicalização, subcategoria motivação para trabalhar com aulas de musicalização, observou-se que cada professora tem um caminho. A Professora A, por exemplo, revelou que sempre trabalhou com crianças:

Eu fui professora de alfabetização, então eu sempre trabalhei com crianças. Eu tenho um curso também de história” [...] trabalhando em escola, o pessoal do conservatório vendo o trabalho, porque eu saía da zona rural, chegava para estudar lá, com aquele tanto de material que só professora carrega, aquela “coisada” toda e quando eu vi o concurso, o professor falou, “eu gostaria que você fizesse inscrição para o concurso”. Eu falei: “que concurso meu filho”? “Aqui do conservatório”. Eu falei: “não, mas eu sou aluna”. “Não, mas a gente precisa de uma professora que saiba trabalhar com criança e você sabe trabalhar com criança”. Então fiz, passei, e aí a gente começou a trabalhar.

Já a Professora B a esse respeito pontua:

Quando eu estava formando, surgiu algumas aulas de substituição, acabei entrando como experiência, para fazer, nunca planejei trabalhar com música, ser professora, mas foi indo sabe, foi precisando eu fui ficando. Depois eu ainda fiz pedagogia também, a faculdade de Pedagogia. Então assim, acabei ficando nessa área da educação, foi determinado que seria. E a prática do dia a dia me levou a ficar apaixonada. (PROFESSORA B, 2020).

Percebe-se assim que, inicialmente, a docente não tinha como foco trabalhar na área, mas a oportunidade e a experiência fizeram com que este interesse fosse sendo despertado. Em relação à Professora C é possível destacar:

Então, eu trabalhava, eu sempre fui autônoma. Trabalhei para os projetos aí pela Prefeitura Municipal aqui da cidade, projetos patrocinados por uma empresa de telecomunicação com musicalização. Eu tinha uma escola de música no SESC e depois fui convidada. Meu marido trabalhava no Colégio “X” e a professora de Educação musical, de musicalização, estava deixando algumas aulas, e eu fui indicada, e eu levei o meu currículo e fui aceita e desde de lá, estou lá até hoje. Vai fazer 12 anos. (PROFESSORA C, 2020.)

As três docentes, portanto, têm experiência significativa com a música e como professoras. Porém, para chegarem ao trabalho que desenvolvem atualmente, ministrando aulas de musicalização, cada uma trilhou um caminho diferente. Nenhuma das três tinha interesse inicial em trabalhar com aulas de musicalização. A possibilidade de atuar neste contexto surgiu sem o planejamento das professoras.

Apresentados esses aspectos mais gerais de caracterização das participantes, a seguir abre-se espaço para o olhar das docentes acerca das aulas de musicalização propriamente ditas, analisando a estrutura das aulas, tipos de atividades desenvolvidas, entre outros aspectos que circundam a utilização do canto nas aulas.

2.3. Percepção sobre as aulas de musicalização

Quanto à categoria **percepção sobre as aulas de musicalização**, que englobou as subcategorias: faixa etária com a qual as docentes trabalham, estrutura das aulas, utilização do canto nas aulas (atividades – jogos - e repertório), pontos positivos e negativos da utilização do canto nas aulas de musicalização, diferenças em relação ao uso do canto com diferentes faixas etárias, e o olhar mais geral sobre a importância do canto na aprendizagem das crianças nas aulas de musicalização, destaca-se que apesar dos diferentes perfis de formação das entrevistadas, conforme se referenciou no tópico anterior, o olhar das docentes interliga-se em muitos pontos.

Em relação à faixa etária dos alunos com os quais trabalham, pela análise do discurso, identifica-se que duas professoras atuam com crianças desde os primeiros meses de vida. A Professora A, por exemplo, leciona para crianças de 8 meses aos 13 anos. A Professora C trabalha com crianças ainda menores e ministra aulas para alunos a partir dos 4 meses. Já a Professora B, apesar de também ter tido experiência com crianças mais novas, atualmente orienta crianças de 6 a 11 anos. Destaca-se novamente, que o foco da nossa análise se concentrou no trabalho desenvolvido com crianças.

No que concerne à segunda subcategoria de análise, estrutura da aula de musicalização, percebe-se que duas docentes seguem um formato parecido de aula, professoras A e C, com um momento inicial mais direcionado para a conexão com as crianças através de um canto de cumprimento ou relaxamento. A Professora A, por exemplo, afirma:

No início há um momento de interação das crianças. A gente começa com um canto de entrada, onde a gente vai falar da alegria da presença deles. Então aí

a gente fala do nome de cada um, que bom que você está aqui, a gente pega na mão, a gente fala. Então, os bebês, quando a gente dá o acorde “no” piano, eles já sabem que é aquela música. E aí senta, senta no colo da mamãe. Ele senta e já me dá a mãozinha, porque aí eu vou pegar na mão dele, eu vou cumprimentar. (PROFESSORA A, 2020).

Percebe-se assim, que desde o início da aula, mesmo com crianças bem pequenas, que ainda não falam, o canto está presente na prática da docente. Destaca-se, no entanto, que a professora A, mesmo para os alunos maiores, utiliza o canto em atividades do gênero:

Com os maiorzinhos a pulsação, eu brinco de escravos de Jó, passando o objeto. A gente vai passando o objeto um para o outro, cantando. E aí aumento, eu não coloco só um objeto, eu vou colocando outros. Eu canto para trabalhar afinação com os maiores também e até com os pequenos. Com os maiores eu falo para eles, eu canto e eles têm que repetir (PROFESSORA A, 2020).

Já a Professora B afirma que trabalha mais conteúdo teórico nas aulas. A docente pontua que traz uma abordagem diferente e utiliza a audição em conjunto com a rítmica corporal.

Na musicalização eu sempre trabalho um conteúdo, um conteúdo teórico, explicando o que que é, e na prática eu trabalho sempre [...] eu coloco uma música junto, sempre eu coloco uma atividade rítmica corporal, eu uso muito o corpo junto. Para quase todas as músicas eu coloco alguma coisa, um gesto, um ritmo, sons. Para a musicalização, por exemplo, eu vou trabalhar um conteúdo, seja altura, questão da altura dos sons, grave, médio, agudo, eu trabalho conceito; claro, eu tenho que colocar isso na prática. E então a gente trabalha isso ouvindo os sons. Trago um tanto de coisas para eles perceberem e coloco música junto. (PROFESSORA B, 2020.).

Além da adoção de aulas mais teóricas, é possível identificar na prática da docente que a utilização do corpo assume um lugar fundamental. Em muitas das atividades desenvolvidas em aula a professora insere um movimento ou dinâmica corporal, o que em sua percepção contribui para a conexão e compreensão dos alunos. Destaca-se que, apenas a Professora A, pontua que ao término dessas atividades faz exercícios de relaxamento com as crianças para finalizar a aula.

Em relação à subcategoria utilização do canto nas aulas a professora A afirma que utiliza jogos cantados como Escravos de Jó, jogo de pergunta e resposta (Pergunta, por exemplo, “Alô – cantando; e os alunos respondem “alô”, reproduzindo a mesma dinâmica vocal, por imitação). A docente aponta ainda a utilização de jogos com fantoches ou animais de pelúcia, em que as crianças, por imitação, reproduzem o que está sendo proposto (por

exemplo, reprodução de diferentes alturas – agudo/grave – cantando). A professora B também aponta a utilização de canções folclóricas, como Alecrim Dourado. Além de cantar as canções com as crianças, as utiliza para trabalhar ritmo, por exemplo. Já a Professora C reforça que canta o tempo todo da aula e que usa o canto como veículo principal no trabalho que desenvolve com as crianças. Nas palavras da docente:

Então, eu canto o tempo inteiro. O tempo inteiro eu estou compondo durante as aulas; quando eu vejo, eu invento muita coisa. Improviso, tudo é cantado, às vezes até para chamar a atenção de algum aluno [...] Eu gosto muito de “Palavra Cantada”. Demais. Eu uso muito canções folclóricas. A gente tem aí até “Galinha Pintadinha”, que dá para aproveitar muita coisa também. Márcio Favaretto também, tem ali o “Senhor Coelho”, para trabalhar pulsação. (PROFESSORA C, 2020).

A docente compõe com as crianças pequenas canções e canta este repertório com elas. Improvisa também vocalmente; trabalha com repertório folclórico, canções do cancioneiro infantil de um modo geral. Agrega o canto também por meio de repertório de grupos como Palavra Cantada, Márcio Favaretto, entre outros. Nota-se assim, que um ponto comum em relação ao discurso das três professoras, nesta subcategoria, é o uso do repertório folclórico, seja apenas cantando as canções em aula, seja utilizando-as para trabalhar outros elementos musicais como ritmo, parâmetros sonoros, entre outros.

Partindo da experiência das docentes, procurou-se perceber também os pontos positivos e negativos da utilização do canto nas aulas de musicalização. Em relação aos aspectos positivos, a professora A afirma, por exemplo, que sente em suas aulas, que o canto permite que as crianças interajam mais umas com as outras, auxiliando ainda no desenvolvimento da percepção auditiva; a criança ouvir o colega quando canta junto. A docente pontua ainda ser comum, ao cantar em aula alguma canção, que uma criança que tenha mais facilidade tente ajudar a outra, o que considera muito positivo. Reitera ainda, apesar de não ter uma fundamentação científica, que acredita que um aspecto positivo seja também a melhoria da autoestima das crianças. Em relação a este aspecto a professora B aponta que sente que o canto motiva mais as crianças em aula; que as atividades que envolvem o canto despertam mais o interesse do público infantil. Entende ainda que o canto auxilia o despertar da sensibilidade das crianças, da criatividade, e que a junção de letra e melodia favorece a fixação dos conteúdos de música. Já a professora C, com uma ótica diferente, considera que um dos pontos positivos da utilização do canto é o fator financeiro, em função das limitações de recursos das instituições. Destaca também a questão do autoconhecimento, que em sua percepção, o canto favorece.

Outros pontos levantados pela docente são: auto interpretação e posicionamento social. Percebe-se assim que as perspectivas das docentes são bem diferentes em relação aos pontos positivos do uso do canto nas aulas de musicalização.

Ao serem levadas a refletir sobre os pontos negativos do uso do canto nas aulas, nota-se que as professoras também têm um olhar diferente. A Professora A, por exemplo, destaca que não basta apenas a boa vontade do educador musical para trabalhar o canto com crianças nas aulas; faz-se necessário que o mesmo trabalhe primeiro a sua voz. Para a docente:

Para você trabalhar o canto com a criança, você tem que trabalhar a sua voz, você tem que trabalhar a sua voz. Muitas vezes a gente encontra nas escolas, na educação infantil, os professores com muita vontade, muita disposição para trabalhar, mas que é complicado. É um modelo difícil porque a criança, ela vai fazer o que você está fazendo. Então, a gente tem que estar trabalhando a parte vocal (PROFESSORA A, 2020).

Reforça-se, portanto, nesta ótica, que o professor de musicalização deve ser um bom modelo vocal para as crianças. A Professora B, neste ponto, chama a atenção para a questão da afinação, mas com ênfase nos alunos. Apesar de enfatizar que não busca a afinação das crianças nas aulas de musicalização, que este não é o seu foco, e sim que as crianças aprendam de forma significativa e com prazer o conteúdo, aponta como aspecto negativo do uso do canto nas aulas de musicalização a dificuldade para fazer as crianças afinarem. Já a Professora C pontua que não vê pontos negativos do uso do canto nas aulas, mas reforça a necessidade de dinamizar a aula. Nas palavras da docente:

Eu só vejo coisa positiva [...] É claro que, por exemplo, numa aula de cinquenta (50) minutos, você tem que dinamizar; não é só cantar também. Eu vejo negativo talvez de ficar só no canto, porque a aula tem que ser dinâmica, principalmente para criança, porque senão você não consegue manter a concentração deles. E haja garganta para o professor também ali, dez (10) horários num dia, por exemplo, cinco (5) de manhã e cinco (5) à tarde. (PROFESSORA C, 2020).

Para a docente, portanto, deve haver um cuidado da parte do professor de musicalização para que a aula não fique cansativa e pautada apenas em atividades cantadas. O professor deve estar atento à forma como as crianças estão recebendo as dinâmicas e variar quando necessário. A Professora C chama a atenção também para o cansaço vocal dos docentes, quanto optam por fazer a aula toda cantada ou com atividades vocais. Percebe-se assim, que as perspectivas das participantes são variadas em relação a esta subcategoria. Destaca-se, no entanto, a fala da Professora A em relação ao modelo vocal do professor no qual a criança está

se espelhando. Nas palavras da docente, a criança “vai fazer o que você está fazendo”. Portanto, é importante que o professor de musicalização seja afinado e tenha uma boa orientação vocal, para ser uma boa referência para os alunos. Percebe-se assim, ao analisar as respostas das professoras entrevistadas, que os pontos negativos não se relacionam diretamente ao canto como recurso em aulas de musicalização, mas com questões que envolvem o trabalho dos professores, ser afinado, conseguir que o grupo afine, dinamizar a aula.

Quanto à subcategoria diferenças percebidas em relação ao uso do canto com diferentes faixas etárias, a Professora A, por exemplo, destaca:

Os pequenos a gente quer trabalhar o gosto, eles precisam ter esse prazer. Ele tem que ter o prazer de cantar. Os maiores, quando eles já têm uma consciência, a gente já começa a trabalhar assim “olha, aqui não deu certo, vamos tentar novamente. O maior a gente já começa a trabalhar alguns pontos musicais que a gente quer. “Olha o ritmo, se está passando na frente, se está ficando para trás”. (PROFESSORA A, 2020)

Levando em consideração esses aspectos, a professora A enfatiza ainda a necessidade de o professor estar sensível em suas observações para que a criança não se sinta constrangida, mas sim acolhida nas aulas de musicalização. A Professora B já pontua que o trabalho com as crianças precisa ser de acordo com a voz infantil, especialmente pensando em seu foco de atuação, crianças de 6 e 7 anos. Em suas palavras:

Eu vejo a diferença maior é de crianças de 6 e 7 anos, que é um trabalho voltado mais... bem mais infantil mesmo; tanto o repertório, quanto a voz das crianças, uma vozinha mais infantil mesmo [...] A minha experiência nesse tempo todo com as crianças de 9 e 10 anos, é a melhor, para mim é a melhor faixa de idade para cantar, tanto no coral, quanto nas aulas também em si, da musicalização. Então assim, a diferença para mim de crianças de 6 /7 anos é o repertório mais tranquilo, mas a “vozinha” deles é diferente. (PROFESSORA B, 2020).

A docente deixa claro, no entanto, a sua preferência em trabalhar com crianças de 9 e 10 anos. Ela aponta que crianças nessa faixa etária têm mais facilidade e conseguem trabalhar repertório mais elaborado. A este respeito a Professora C, que trabalha com crianças menores, argumenta que nos primeiros anos de vida, os pequenos não conseguem distinguir alturas, por exemplo, e cantam com a voz meio falada. A este respeito enfatiza:

A criança até quatro anos, a voz ainda é meio falada [...] Então, a tendência natural deles, eles cantam, eles desenvolvem primeiro o ritmo, a percepção rítmica vem primeiro do que a melódica, eles desenvolvem. É mais falada. Eles não atingem a frequência certinha ali. Já as maiores, você já consegue

fazer, de 5 anos em diante você já consegue fazer a escala. Você percebe que a maioria deles consegue. E isso é uma diferença do canto. Do resultado do trabalho de canto entre essa faixa etária; a questão da percepção é diferente. De 5 anos para frente eles cantam mais afinados; é mais cantada a voz. E de 4 anos para baixo é mais falada. (PROFESSORA C, 2020)

Ao analisar as respostas das docentes e a forma como trabalham com diferentes faixas etárias, identifica-se que a Professora A trabalha o canto com os menores para que sintam prazer em cantar. Não se preocupa inicialmente com orientações técnicas ou com a passagem de conteúdos de música. Com os mais velhos já começa a pontuar os elementos que, em sua percepção, precisam ser melhorados – ritmo, afinação, etc. A Professora B, que trabalha atualmente apenas com a faixa etária de 6 a 10 anos, utiliza exercícios cantados e repertório infantil, mas destaca que prefere trabalhar o canto com os alunos mais velhos, de 9 e 10 anos, pois em sua percepção, conseguem cantar repertório mais elaborado. Já a Professora C relata que com os menores de 5 anos trabalha primeiro o ritmo, pois considera a voz mais falada nesta faixa etária. “Eles não atingem a frequência certinha ali”. Com os alunos de 5 anos em diante já desenvolve um trabalho mais efetivo por considerar que têm uma percepção mais aguçada. Percebe-se assim que as perspectivas das professoras A e C são semelhantes neste ponto. Ambas desenvolvem mais um trabalho de sensibilização musical com os menores de cinco anos (despertar o gosto pelas músicas que ouvem, pelas atividades musicais, o prazer em cantar, etc.) e a partir desta faixa etária dão uma ênfase maior a aspectos como ritmo e afinação, por exemplo.

Ainda conectado a esta subcategoria, como último ponto para reflexão procurou-se aprofundar o olhar das docentes sobre a importância do canto na aprendizagem das crianças nas aulas de musicalização.

A Professora A, neste sentido, evidencia que por meio do canto o aluno:

[...] Vai perceber o ritmo, ele vai perceber a afinação, ele vai perceber a altura “ah, é agudo é grave, é médio, está forte, é fraco”. E isso o canto auxilia. Então eles já vão aprendendo, brincando, quando eles chegarem lá na fase dos símbolos, na fase de realmente entender a música, na parte teórica, está fácil. (PROFESSORA A, 2020)

Complementando estas ideias, a Professora B destaca que, em sua percepção, o canto, além de auxiliar a compreensão de aspectos musicais como o ritmo e a fixação destes conteúdos, favorece a concentração dos alunos, a atenção. Considerando a sua experiência como professora pontua que o uso do canto nas aulas de musicalização abre espaço ainda para a interação entre

as crianças, o que contribui para socialização. Outro ponto destacado pela docente e já mencionado é ser também uma possibilidade para despertar a criatividade das crianças. Os jogos cantados, por exemplo, em que a criança é direcionada a improvisar respostas em diálogo com o professor, auxiliam neste sentido. Em relação a estes aspectos a Professora C identifica um caráter interdisciplinar do canto e menciona que mesmo professores de outras áreas, como matemática, geografia, ciências, o utilizam como veículo, por exemplo, para trabalhar a compreensão dos seus conteúdos. Quanto às aulas de musicalização especificamente destaca:

Além de você trabalhar o conteúdo musical mesmo, você trabalha técnica vocal, trabalha afinação, trabalha timbre, impostação. Os maiores, eu já começo trabalhar impostação [...] Além dos conteúdos musicais, que é ritmo, altura, duração, intensidade [...] (PROFESSOR C, 2020)

Percebe-se, portanto, que na percepção das professoras participantes do estudo, o canto é considerado um elemento importante nas aulas de musicalização. As professoras afirmam que o utilizam com frequência nas aulas e que, considerando a experiência que têm como docentes, acreditam que ele contribui de forma significativa para o desenvolvimento das crianças, independente da faixa etária. As Professoras A e C especialmente, afirmam, portanto, que os docentes devem abrir mais espaço para o uso do canto nas aulas de musicalização.

Há de se ter atenção, no entanto, às características vocais das crianças para que as atividades e repertório trabalhados sejam ajustados ao que cada grupo pode fazer. É fundamental também, como relatado no discurso da Professora C, que o professor seja um bom modelo vocal para os alunos. O professor de musicalização, para trabalhar nas aulas com atividades cantadas, deve conhecer as especificidades da voz infantil e utilizar também a sua voz de forma adequada, para que a criança não desenvolva padrões inadequados de comportamento vocal.

Considerados esses aspectos acerca das percepções das docentes, a seguir procura-se discutir esses dados com o referencial teórico consultado, na busca pelo aprofundamento das reflexões.

3. Discussão dos Resultados

Considerando o problema de pesquisa estipulado – Qual a percepção de três professoras de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro sobre o uso do canto em aulas de musicalização? – que procurou compreender a percepção de três professoras de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro sobre o tema, é possível destacar, confrontando os dados das entrevistas com o referencial teórico consultado, que o canto, para as docentes entrevistadas, é um importante recurso a ser integrado nas aulas de musicalização. Esta perspectiva é apontada também por Penna (1991), que afirma que a aprendizagem musical e o processo de se musicalizar “começa com a voz” (PENNA, 1991, p. 19). Essa perspectiva é semelhante à de Sobreira (2017), que aponta o canto como um instrumento a ser desenvolvido desde cedo, instigado na infância, para melhor aproveitamento no futuro.

A esse respeito, a Professora C, por exemplo, afirma que utiliza o canto como veículo durante todo o processo musicalizador. Em concordância com Sobreira (2017) enfatiza que canta muito com os alunos, compõe pequenas canções, improvisa vocalmente (PROFESSORA C, 2020). Braga (2016), considerando o trabalho desenvolvido com bebês, também reitera que a percepção da criança, neste caso, é muito estimulada e o canto, uma ferramenta de conexão. Um ponto comum na ótica das três docentes entrevistadas, é essa possibilidade de interação que se cria com outras crianças por meio das atividades cantadas.

Em relação às formas de se usar o canto em aulas de musicalização, é possível perceber que as professoras utilizam caminhos como; atividades cantadas de acolhimento (no início das aulas), Professoras A e C, atividades cantadas de despedida/relaxamento (ao fim da aula), Professora A. Apenas a Professora B, apesar de trabalhar repertório em aula, foca em uma abordagem mais teórica nas aulas de musicalização. À semelhança do proposto por Schmeling e Teixeira (2010), que apontam a possibilidade de investigação e execução de vários timbres, alturas, durações, a exploração da dicção, dos registros e das colocações vocais na voz falada, por meio de atividades lúdicas e outras brincadeiras como caminhos que facilitam a entonação da voz cantada em aula, as docentes também se valem dessas estratégias e trabalham com os seus alunos atividades tanto de cunho melódico, como rítmico, utilizando a voz; além do repertório infantil variado – folclórico, de tradição oral, de desenhos infantis – que é muito presente nas aulas de musicalização.

Quanto à reflexão sobre a importância das atividades com o canto no processo de aprendizagem musical as três professoras defendem que as atividades cantadas devem ser parte

das aulas de musicalização, o que também é apontado por autores como Penna (1991), Vechi (2015), Schmeling e Teixeira (2010) e Figueiredo (2005). Percebe-se assim que as três docentes recorrem tanto a atividades mais dinâmicas como jogos cantados, improvisações vocais livres, como ao trabalho com repertório, com canções que façam parte da realidade das crianças (canções folclóricas, canções de filmes e desenhos infantis, etc.). Destaca-se ainda que, as Professoras B e C, utilizam muito o canto também para trabalhar a questão rítmica, conforme se reforçou no tópico anterior. Já a Professora A, apesar de também trabalhar nestas vertentes, foca mais em atividades melódicas, para desenvolver a afinação.

Pelo referencial teórico consultado é possível perceber que esses diferentes caminhos são apontados por autores referência na área. Oliveira, Fugimoto e Fernandes (2016) por exemplo, indicam a inserção de atividades lúdicas e outras brincadeiras. Mencionam a possibilidade de se brincar com sons vocais diferentes e inusitados, explorando as sonoridades cantadas e que a voz oferece; brincar com estes sons, suas expressividades, e o ritmo das palavras para fazer aquecimento vocal e corporal. Os autores propõem ainda elaborar contos sonoros (melodias improvisadas), usar também trava línguas para improvisar e explorar o ritmo, utilizar jogos de mãos e compor com os alunos. Indicam ainda a utilização do cânone para que os alunos percebam diferentes formas de trabalhar com a voz. Essas atividades, conforme se destacou no tópico anterior de análise, também aparecem no discurso das professoras como possibilidades para o uso do canto nas aulas de musicalização. São alguns caminhos apontados tanto pelos autores consultados como pelas professoras que atuam neste contexto e têm experiência significativa com este tipo de trabalho. A seguir, apresentam-se as considerações finais da pesquisa.

Considerações Finais

A partir do problema de pesquisa estruturado – Qual a percepção de três professoras de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro sobre o uso do canto em aulas de musicalização? – delineou-se o seguinte objetivo geral do estudo: Compreender a percepção de três professoras de musicalização atuantes na região do Triângulo Mineiro sobre o uso do canto em aulas de musicalização. Respondendo ao problema de pesquisa inicialmente proposto, destaca-se que, na perspectiva das três professoras entrevistadas, o canto é considerado um recurso importante para o desenvolvimento musical das crianças e aparece como uma prática muito usada nas aulas de musicalização das docentes. No decorrer das aulas, com pequenas adaptações em função da faixa etária dos alunos, as professoras afirmam inserir o canto nas aulas por meio de brincadeiras, jogos e repertório diverso (folclórico, trilha sonora de desenhos e filmes infantis e grupos infantis como Palavra Cantada). Apenas uma das professoras, a Professora B, afirmou desenvolver a aula de musicalização de forma mais teórica. No entanto, ainda assim, o canto aparece com a prática de repertório que desenvolve com os alunos.

As docentes apontam ainda que o canto auxilia em aspectos além dos musicais, como a interação com o outro (socialização), o despertar da criatividade, entre outros. No que respeita aos aspectos musicais, as docentes mencionam que o canto auxilia, por exemplo, a compreensão de conceitos teóricos como altura e o desenvolvimento da habilidade de ouvir, afinar, entender aspectos rítmicos, etc. Uma das docentes, Professora C, salienta, contudo, a necessidade de o professor ter preparo vocal para trabalhar com o público infantil, uma vez que passa a ser modelo e referência para as crianças. Portanto, ao se pensar sobre o uso do canto nas aulas de musicalização, enfatiza-se como passo fundamental investir também na formação dos professores, de modo que os docentes que trabalhem utilizando o canto de alguma forma em suas aulas, tenham noção dos cuidados que devem ter em relação à voz das crianças. Partindo tanto do viés teórico como da prática das docentes é possível identificar que o canto, muitas vezes, é praticado de forma descuidada em aulas de musicalização com exercícios e repertório fora do que a criança, anatômica e fisiologicamente, pode fazer.

Acredita-se assim, que essas discussões e reflexões possam contribuir para que se ampliem as perspectivas sobre o uso do canto nas aulas de musicalização, e para se pensar também na saúde vocal das crianças, uma vez que o desajuste de exercícios, jogos e repertório reflete-se diretamente neste sentido. Destaca-se ainda que a realização desta pesquisa permitiu à investigadora, também professora de musicalização, desenvolver um olhar mais cuidado em

relação ao uso do canto nas suas aulas e estimulou-a no sentido de se fundamentar mais cientificamente para desenvolver o seu trabalho de forma assertiva com o público infantil.

Referências

- ALENCAR, Raimundo Nonato Brilhante de. **O processo de aprendizagem das crianças por meio da música e elementos sonoros em espaços educativos**. 2014. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2014.
- AMENT, Mariana Barbosa; JOLY, Maria Carolina Leme; SEVERINO, Natália Búrigo. Oficina de Jogos e Brincadeiras Musicais Propostas de atividades musicais e jogos folclóricos para se trabalhar em sala de aula. In: Jornada Científica da Ufscar, 9., 2011, São Carlos-SP. **Anais...** São Carlos-SP: UFSCAR, 2011.
- BARRETO, Sidirley de Jesus. **Psicomotricidade, educação e reeducação**. 2.ed. Blumenau: Livraria Acadêmica, 2000.
- BARRETO, Ceição de Barros. **Côro orfeão**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1938.
- BRAGA, Simone Marques. Canto Coral e Performance Vocal: formação inicial dirigida à educação básica. **Revista Música Hodie**, Goiânia, v.16, n. 2, 2016.
- BRASIL. **Referencial Curricular da Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998.
- BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.
- BRESLER, Liora. Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 16, p. 7-16, mar. 2007.
- BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- COELHO, Liliana Sofia Braga. **Projeto educação da inserção da disciplina de canto no ensino básico em Portugal**. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2012.
- CUNHA, Suzana Rangel Veiga da (org). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna (orgs). **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.
- FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A Prática Coral na Formação Musical: um estudo em cursos superiores de bacharelado e licenciatura em música. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPPOM), 15., 2005. Rio de Janeiro-RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. São Paulo: Unesp, 2005.

GAINZA, Violeta Hensy de. **Estudos de psicopedagogia musical**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GIGA, Idalete. A educação vocal da criança. **Revista Música, Psicologia e Educação** (CIPEM), Porto, n. 6, p. 69-80, 2004. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/47138185.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2020.

GOLDEMBERG, Ricardo. Educação Musical: A Experiência do Canto Orfeônico no Brasil Campinas. **Pro-Posições**, Campinas-SP, v. 6, n. 3, p. 103-109, nov.1995. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=VILLA-LOBOS%2C+1946%2C+p.+504&oq=VILLA-LOBOS%2C+1946%2C+p.+504&aqs=chrome.69i59j687j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

GODOI, Luis Rodrigo. **A importância da música na Educação Infantil**. 2011. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, 2011.

ILARI, Beatriz. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 9, p. 7-16, set. 2003.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

MARTENOT, Maurice. **Método Martenot**: la carrera de las notas – juego de rapidez que permite lograr la lectura de las notas em una alegre atividade. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1976.

MATEIRO, Teresa.; ILARI, Beatriz. (Org.). **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibpx, 2011.

MATEIRO, Teresa. EGG, Marisleusa de Souza. **O canto na aula de música**: reflexões sobre uma prática em uma escola pública. Curitiba: ArtEmbap, 2013.

NORONHA, Lina Maria Ribeiro de. O Canto Orfeônico e a construção do conceito de identidade nacional. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 23, p. 85-94, jul-dez. 2011.

OLIVEIRA, Andréia Pires Chinaglia de; FUGIMOTO, Tatiane Andressa da Cunha; FERNANDES, Priscila. Cantando com as palavras: Tlatlu tlatlu...blâblâblâ...ahhhhhh. **Revista Música na Educação Básica**, Londrina, v. 7, n. 7-8. Londrina, 2016.

PENNA, Maura. **Reavaliações e buscas em musicalização**. São Paulo: Loyola, 1991.

PEREIRA, Ana Leonor. A voz cantada infantil: pedagogia e didáctica. **Revista de Educação Musical**, Lisboa, n.132, p. 33-45, 2009.

PAREJO, Enny. Edgar Willems: um pioneiro na Educação Musical. In: MATEIRO, T.; ILARI, B. (Orgs.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: IBPEX, 2011. p. 89-123.

PROENÇA, Josiane dos Santos; TORQUATO, Rosane Andrade. Musicalização: uma reflexão sobre sua utilização pelos profissionais da educação infantil. In: Congresso Nacional de Educação (Educere), 11., 2013, Curitiba-PR. **Anais...** Curitiba-PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013, p. 25422-25431. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/anais2013/pdf/9066_6260.pdf>. Acesso em: 21 Julho 2020.

RODRIGUES, Helena; RODRIGUES, Paulo Ferreira. Reconhecimento de canções por crianças de 4 a 5 anos de idade palavra ou melodia. **Revista Portuguesa de Educação Musical** (APEM), Lisboa, n. 34, p. 11-22, jan.-jun. 2010.

SCHMELING, Agnes; TEIXEIRA, Lúcia. Explorando possibilidades vocais: da fala ao canto. **Revista Música na Educação Básica**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, set. 2010.

SILVA, Walênia Marília. Zoltán Kodály: Alfabetização e Habilidades Musicais. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. (Org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: IBPEX, 2011.

SILVA, Walênia Marília. Zoltan Kolály: Idéias e Concepções Sobre Educação Musical. **Revista Em Pauta**, p. 59-69, Porto Alegre, v.5, n.8, 1993.

SOBREIRA, SILVA. **Se você disser que eu desafino**. Rio de Janeiro: Instituto Villa-Lobos (UNIRIO), 2017.

SOUZA, Marco Aurélio Cardoso de. **As cantigas de roda na Creche Jardim Felicidade - Cenário vivo para o “exercício do olhar”**: um estudo autoetnográfico. 2011. 126 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2011.

TEIXEIRA, Tatiana Dias. **O Canto na Abordagem Educacional de Zoltán Kodály**. 2009. 56 f. Monografia (Graduação em Música) – Faculdade Santa Marcelina, São Paulo, 2009.

VECHI, Hortência. O canto, os professores de música e a escola básica. In: Encontro Regional Sul da ABEM, 17., 2015, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UNESPAR, 2016. p. 1-13.